

O DISCURSO ROMÂNTICO EM “SENHORA” DE JOSÉ DE ALENCAR

Maria do Socorro Pinheiro¹

Resumo

Segundo Michel Foucault, todo discurso é arriscado e passa por processos de exclusão e interdição. Todo e qualquer discurso é construído a partir de alguns procedimentos e rituais, e passa por processo de controle, pois não se deve dizer tudo em qualquer circunstância. Em *Senhora* de José de Alencar, o discurso amoroso passa por determinadas formas rituais e sofre algumas interdições que vão desencadear novos discursos.

Palavras-chave: amor romântico; discurso; interdição.

Abstract

According to Michel Foucault, every speech is taken a risk and you go by exclusion processes and interdiction. All and any speech is built starting from some procedures and rituals, and it goes by control process, because it doesn't owe himself to say everything in any circumstance. In *Mrs. of José de Alencar*, the speech loving raises in for certain forms rituals and it suffers some interdictions that will unchain new speeches.

Key word: romantic love; speech; interdiction.

O discurso, seja de que natureza for, se reveste de elementos, de rituais e de procedimentos. Foucault fala que “*não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um não pode falar de qualquer coisa*” (1998, p. 9). O discurso apresenta certas estratégias que definem o que se pretende dizer, qual o sentido que se quer transmitir naquele momento. Em *Senhora* de José de Alencar, iremos analisar os procedimentos utilizados na construção do discurso amoroso.

No romance *Senhora*, há um discurso romântico e, para analisar esse discurso, precisamos saber a profundidade do amor sentido por Aurélia e por Seixas.

O amor que Aurélia nutria por Seixas era um “amor romântico”, foi atração instantânea – amor à primeira vista, ao passo que o amor de Seixas talvez fosse um “amor paixão”. “Pensava ela que Fernando devia ter consciência da posse que tomara de sua alma, com o primeiro olhar” (ALENCAR, p. 111).

O amor romântico leva os amantes a se sentirem completos. A atração sentida por Aurélia logo no primeiro olhar, tornou sua vida diferente, dando-lhe um ar de felicidade. Antony Giddens diz que “*esse processo de atração por alguém pode tornar a vida de outro alguém, completa*” (1993, p. 51). Mas isso só acontece se o outro sentir também amor à primeira vista, o que não aconteceu com Seixas.

Aurélia amava sem condição e esse amor seria a salvação para que ela não tivesse um casamento “arrumado”, sem amor. “*Quanto a mim sabe que amo sem condições, e que nunca lhe perguntei onde me leva esse amor. Sei que ele é minha felicidade, e isto me basta*” (ALENCAR, p. 114).

Aurélia abriu mão de um casamento seguro que faria com Eduardo Abreu por amor a Seixas. Ela, portanto, coloca esse amor acima de tudo: amor que ilumina a vida, revigora a alma, alegra o coração. A chama do amor permanece sempre reluzente e contagiante. Quanto a Seixas, seu amor não era fiel, percebe que o casamento com Aurélia não lhe trará benefícios, pois havia aprendido que era um meio legítimo de adquirir riqueza. Ele estava diante de uma moça pobre. Então a abandona e vai ao encontro de um outro casamento que lhe trará lucros.

Que tipo de amor era o de Seixas? Pelo que se observa, era um amor que esperava sempre alguma coisa em troca. O desejo vem daquilo que irá enriquecer o ser, nada de

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Ceará

sacrifícios, os obstáculos são condições para que se deixe de amar. Criou-se uma impossibilidade, que, ao invés de aumentar o desejo pela amada -como afirma Denis de Rougemont que “o desejo nasce da impossibilidade” - gerou o abandono, porque esse obstáculo trava o seu ideal de casamento. Aurélia não era assim, amava sem obstáculos, sem nenhuma imposição, “a mim basta-me o seu amor, já lho disse uma vez; desde que mo deu, não lhe pedi nada mais” (ALENCAR, p.118).

O desejo por esse amor leva Aurélia a sonhar, a viver melhor, porque lhe garante segurança, bem-estar. Ela esperava que o amor vencesse tudo - “Amor omnia vincit” - mas parece que tudo vence o amor, ironiza Hunt. Quando os dois colocam o amor como primazia, o sentimento naturalmente supera os obstáculos, as diferenças, mas se apenas um faz isso, a relação amorosa tende a esfacelar-se. Jurandir Freire Costa diz que “o amor é uma palavra semanticamente articulada a outras como prazer, bem-estar, conforto, felicidade, boa vida, alegria, ou, ao contrário, a sofrimento, decepção, frustração, ideais impossíveis, esperanças não-correspondidas e assim por diante” (1999, p. 161). O amor de Aurélia foi semanticamente articulado a sofrimento, a decepção. Iria trazer felicidade para Aurélia se Seixas não a tivesse deixado.

Aurélia cultivava um amor ideal, “Seria difícil conhecer a quem mais adorava a gentil menina, e de quem mais vivia, se do homem que a visitava todos os dias ao cair da tarde, se do ideal que sua imaginação copiara daquele modelo” (ALENCAR, p. 111). O amor ideal é a experiência emocional “cuja primeira virtude é proteger-nos contra a solidão” e tem sua fonte “no respeito e ternura pelo Outro”. Essas qualidades implicam “igualdade dos parceiros” e a regra da “absoluta reciprocidade” (Badinter, op. Cit. p. 314). Essa regra do jogo amoroso foi violada por Seixas, pois ele não teve respeito e nem ternura por Aurélia. Ao calcular todos os encargos materiais que teria com esse casamento e que teria que sacrificar ou mesmo renunciar à vida elegante, Seixas convenceu-se de que não podia casar com Aurélia, que “mais fácil fora renunciar à vida na flor da mocidade, quando tudo lhe sorria, do que sujeitar-se a esse suicídio moral, a esse aniquilamento do eu” (ALENCAR, p. 117). Seixas faz parte de uma cultura narcísica, na qual há uma supervalorização do eu, só queria Aurélia se ela lhe trouxesse algum enriquecimento.

O amor ideal traz inevitavelmente sofrimento, agravado mais ainda quando Aurélia foi abandonada por um dote de trinta contos de réis. Ao amor de Aurélia se juntou um sentimento marcado pelo forte desejo de escarnecer o homem que amava. Como estava rica, dona de si mesma, planejou friamente, com sarcasmo e indignação, um modo de ter Seixas aos seus pés: sacrificaria não somente sua riqueza, mas também sua própria alma. Comprou Seixas e essa atitude restituiu de alguma forma sua honra e dignidade.

Depois de viver um casamento de aparência que transparecia felicidade, de muitas humilhações e ofensas, Seixas põe fim àquela situação, resgatando a sua liberdade. Os dois negociaram calmamente, partindo o vínculo que os prendia. Trataram do amor de forma contabilística como se fosse uma mercadoria, um objeto qualquer.

Passada a negociação, Aurélia se prostra aos pés de Seixas, suplica o seu amor e quer que ele seja o senhor de sua alma. Percebe-se que entre o par amoroso houve uma grande comoção e por fim “as cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal” (ALENCAR. P. 268).

Aurélia, nutrida pelo amor romântico, via no casamento uma segurança vista pelo prisma do amor; Seixas, por sua vez, via no casamento um meio de se dar bem financeiramente, já que estava de olho no dote.

Ao conhecermos o amor de Aurélia e Seixas, partimos agora para os discursos amorosos por eles proferidos. Alencar apresenta uma formação discursiva romântico-amorosa própria dos amantes. Vejamos, em algumas passagens do texto “Senhora”, como isso acontece:

Procedimentos de exclusão e de interdição formarão o discurso de José de Alencar.

“-E a senhora, D. Aurélia? Interrogou Seixas. Amame?”

-Eu?” (p. 111)

A moça apenas pronuncia monossílabo com expressão de profunda surpresa, seu discurso não é muito claro, nesse primeiro momento. Alencar utiliza algum recurso para sugerir o clima do amor. O silêncio, o choro, a troca de olhares, suspiros e expressões gestuais fazem parte do discurso romântico de José de Alencar.

Outra exclusão:

“O meu primeiro beijo de amor, guardei-o para minha esposa, para ti...” (p. 92).

Seixas foi interrompido por uma súbita mutação que se operou na fisionomia de sua noiva. E ela responde a ele com:

“Ou para outra mais rica!...” (p. 93)

Observa-se outro tipo de discurso em José de Alencar, o da interdição:

“- Penso que casei com um cavalheiro distinto, que sabe usar de sua fortuna, e não com um homem vulgar”.

“- Tem razão. Reclama o que lhe pertence, e eu seria um velhaco se lhe recusasse o que adquiriu com tão bom direito” (p. 167).

Aurélia pagou um preço pelo marido e este tinha o direito de atender a todos os caprichos da sua senhora. O amor é impedido pelo orgulho, ambos estão feridos.

Outra interdição:

-Dê-me o braço que ali vem D. Firmina. (p. 173)

Os noivos precisavam transparecer uma felicidade que na realidade não existia, o amor conjugal devia ser expresso como um bálsamo de inesgotável prazer.

Seixas estava sujeito às ordens de Aurélia, o que restava agora a ele, era cumprir com as obrigações e servir sua esposa, “como seu marido não tenho hábitos, e somente deveres” (ALENCAR, p.152).

Os gestos, as atitudes, os olhares, o tom de voz fazem parte dos discursos entre Aurélia e Seixas. Discursos construídos por meio de interdições, amarguras, decepções, humilhações e sarcasmos.

“É voz geral que não se podia escolher um par mais perfeito, disse a viúva a modo de resumo.

-Já vê que nos casamos por unânime aclamação dos povos, observou Aurélia sorrindo-se para o mundo. Nada nos falta para sermos felizes.

-Mas do que eu sou, não é possível, tornou Seixas.

-Esta primazia me pertence, e não lha cederei!

D. Firmina aplaudiu essa contestação que revelava os extremos de amor dos noivos um pelo outro” (ALENCAR, p. 160).

“A chegada de D. Firmina interrompeu este diálogo” (ALENCAR, p. 167).

Percebe-se que não é permitido ao casal falar determinadas coisas na frente dos empregados, o discurso de Aurélia e Seixas foi interditado, controlado pela presença de determinadas pessoas.

O casamento de Seixas e Aurélia era uma farsa, a felicidade passara longe daquela casa. Mantinham apenas as aparências. Os diálogos na presença dos empregados eram feitos cordialmente e com alguma ternura. Na ausência destes, os diálogos tomavam outra forma, havia humilhações, insultos, críticas. “O torneio deste diálogo não desdizia do

tom de nascente familiaridade, próprio de dois noivos felizes; mas havia entonações e relances d’olhos, que os estranhos não percebiam, e que eles sentiam pungir como alfinetes escondidos entre os rofos de cetim” (ALENCAR, p. 151).

O discurso romântico de Seixas e Aurélia não era aberto e nem penetrável. Era regulado e se fazia por meio de rituais e regras. Não se tinha permissão de conhecer tudo, a obscuridade do discurso era revelador de uma verdade oculta. Eram recorrentes as interdições entre os discursos de Seixas e Aurélia que, ao escolher um certo discurso, já estavam excluindo muitos outros, impossibilitando outras formas de falar.

Os procedimentos discursivos podem sofrer algum tipo de exclusão, de interdição. A presença de algumas pessoas nos impede de falar o que gostaríamos, portanto, não falamos tudo. Não é permitido dizer tudo. O discurso romântico de *Senhora* é constituído de silêncio, lágrimas, meias palavras, olhares e suspiros que vão determinar as ações da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

BADINTER, Elisabeth. *L ‘um est l’autre – des relations entre hommes et femmes*. Paris. Editions Odile Jacob. 1986.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*. Estudos sobre o amor romântico. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 4ª ed. 1998.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HUNT, Morton M. *The Natural History of love*, Nova York, Alfred A. Knopf. 1959.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.